

	SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO LINGUÍSTICO E CULTURAL DE POVOS INDÍGENAS TRANSFRONTEIRIÇOS E DE RECENTE CONTATO NA REGIÃO AMAZÔNICA PROJETO 914BRZ4019 EDITAL Nº 007/2019 Parceria LABHOI-Museu do Índio <i>Os primeiros 30 anos de contato dos Arara de Cachoeira Seca por eles mesmos</i>
Transcrição:	Local: Terra indígena Arara de Cachoeira Seca, Aldeia Iriri Data: 04/02/2020 – Segunda Viagem Entrevistado: Totó Arara. Nome do arquivo: 190126_002.MP3
Participantes:	Totó Arara, Milton Guran, Ana Maria Mauad e Marcus Vinícius.
Duração:	00:27:44
Legenda:	Colchetes usados para indicar: 1. Reações dos participantes. Exemplo: [Risos]; [Choro]; [Aplausos]; etc. 2. Ruídos externos. Exemplo: [Cachorros latindo]; [Campainha]; etc. 3. Trechos incompreensíveis na gravação que não puderam ser transcritos. Exemplo: O nome do fotógrafo era [?] Moreira de Souza.

Entrevista Totó Arara- 190126_002.MP3 – Segunda Viagem.

Duração: 00:27:44

Legenda:

TO: Totó Arara

MG: Milton Guran

AM: Ana Maria

MV: Marcus Vinícius

[00:00:01] MG: Hoje é dia 4 de fevereiro de 2020, nós estamos aqui na aldeia Iriri, na terra indígena de Cachoeira Seca, pra [iniciar] uma entrevista com Totó Arara. Totó, muito obrigado pela sua disponibilidade. Estamos eu, Milton Guran, Ana Maria Mauad, Marcus Vinícius de Oliveira, não é? O Arapuca, intérprete, também está por aqui, assistindo. Bom vamos lá então. Totó, tem vários assuntos que eu queria conversar com você, você é agente de saúde, você também é monitor da nossa oficina, então você tem um papel de liderança importante aqui na aldeia, não é? E a gente gostaria de saber a sua impressão sobre alguns assuntos. O primeiro deles é sobre protocolo de consulta, que vocês estão desenvolvendo pra poder conversar com os agentes do Estado, com a Norte Energia e tudo mais. Então explica pra mim o que é o protocolo de consulta, o que é isso?

[00:01:10] TO: Bom, boa tarde, eu sou Totó Arara, sou agente de saúde indígena daqui do povo Arara, da TI Cachoeira Seca. Então, protocolo de conduta é pra nós ter documento na nossa cultura e fortalecer nossa cultura e nosso conhecimento com homem grande, que é governo, tá querendo derrubar nós. Então ele falou que Belomonte não ia impactar a nossa terra indígena e nem nosso rio, então hoje está sendo muito impactado, que nós estamos vendo, nós mesmos estamos vendo. Porque antes que não tinha o Belomonte esse rio tudo, no mês de janeiro, rio batia até aqui nessa caixa d'água aí ó, passava aí ó, e hoje nós estamos achando muito diferenciado, cada ano vai passando, época que não está envolvendo a nossa atmosfera, está sendo difícil, está tendo muito desmatamento, invasão. Então por isso nós estamos criando junto a FUNAI um Termo de Consulta, porque isso daí que vai embargar o nosso território. Sem ele, sem Termo de Consulta, governo fala que índio não trabalha, não usa esse tanto de território que tem aí, tá sendo desmatado, invasores e bandidos. Então por isso nós estamos criando Termo de Consulta agora.

[00:02:48] MG: Sei, esse protocolo de consulta você faz com a FUNAI, com o Luciano, com o Pablo, é com quem?

[00:02:55] TO: Com o Conha...o nome dele qual é, Arapuca? Alécio, parece.

[00:03:09] MG: Alécio.

[00:03:09] TO: É, com ele que nós estamos criando termo de consulta.

[00:03:13] MG: Muito bem. Então, a gente ficou muito contente, a Ana Maria Mauad e eu, a gente esteve lá na FUNAI, conversando com o pessoal...

[00:03:22] TO: O pessoal da FUNAI me cobrou esse relatório que eu estou criando junto com os alunos, estou passando o conhecimento que eu aprendi com outras pessoas. Eles disseram que até aproveitar aqueles retratos pra botar no papel, falando em nossa pauta e em nosso sofrimento no território.

[00:03:41] MG: Muito bom, muito bom, fico feliz de saber que o trabalho da oficina vai servir pra ajudar o protocolo de consulta.

[00:03:50] TO: Vai ajudar demais, uhum.

[00:03:52] MG: Isso é uma coisa muito, muito boa, muito positiva, não é? E aí a gente esteve lá na FUNAI com a Juliana, com o Luciano e aí a gente soube que eles estão fazendo três projetos aqui com a comunidade. Um projeto que é do lixo, outro projeto que é da...

[00:04:16] TO: Merenda escolar.

[00:04:16] MG: Merenda escolar, e um outro projeto que é da saúde, do bem-viver. Então a gente gostaria que você comentasse com a gente esses projetos. Vamos começar pelo da merenda?

[00:04:28] TO: Bora.

[00:04:28] MG: Então vamos lá, como é esse projeto da merenda escolar?

[00:04:34] TO: Projeto da merenda escolar, a nossa produção era difícil pra nós entregar, nós aprontava, aprontava tanto e não tinha onde vender nosso produto. Então pessoal da FUNAI viu que nós estava perdendo nossa cultura, nós não plantava mais mandioca, nós não plantava mais kará, nem batata, nem abóbora, nem macaxeira. Então eles pensaram, "rapaz, está morrendo a cultura". Nós só aprontava, aprontava e não tinha onde vender nosso produto. Aí hoje nós tinha só parceria com FUNAI, aí nossa associação chegou, associação disse que junto com parceria, nós, nossa parceria era só FUNAI, hoje nós somos com FUNAI, com SIME e...

[00:05:26] MG: Com ISA também?

[00:05:28] TO: Com ISA e esse... prefeitura que está comprando nossas merendas agora. Primeiro nós trabalhava só com [?], que era babaçu, aí acharam muito interessante pra merenda escolar, porque era primeiro vitamina que não prejudicava nossos alunos, merenda lá, que vinha enlatada, estava prejudicando a saúde do nossos alunos. Eles não comiam, só gastavam benefício fora, dinheiro, recurso fora, que prefeitura comprava merenda enlatado, eles não comiam. Então isso aí vai ser muito interessante também, porque é merenda cultural, porque é costume do nosso povo, convivência.

[00:06:15] MG: Babaçu?

[00:06:14] TO: É, babaçu, peixe, abóbora, macaxeira, nós mesmos vendemos, melancia.

[00:06:21] MG: Sei. Já começou a vender, não?

[00:06:23] TO: Ainda não, [?] eu deixei agora, eles tão me chamando pra poder assinar pra prefeitura e...

[00:06:30] MG: Um documento pra prefeitura pra poder fazer isso.

[00:06:32] TO: Pra [regularizar] a associação, pra depositar esse dinheiro pra pagar o [?]

[00:06:38] AM: Posso pedir um esclarecimento? A merenda é pra ser usada aqui na aldeia na hora da aula ou pra ir pra vocês venderem pra ser usada nas escolas municipais da região?

[00:06:56] TO: É pra tudo, só que nós vamos começar com a nossa escola, se tiver muita produção vai ser dividido pra cada escola, sabe? Se tiver produção demais mesmo aí, se esse escola está movimentado, tanto produtos...produção, a escola vai oferecer pra outro estado, pra outras aldeias que não têm.

[00:07:21] MG: Por isso que eles estão fazendo com a prefeitura.

[00:07:23] TO: É.

[00:07:25] MG: Pra ampliar.

[00:07:25] TO: Vai ter capital de giro aqui, ó, cada aldeia vai ser, aqui vai ser um polo, vai vir muita gente.

[00:07:33] MG: Estudar aqui?

[00:07:35] TO: É, é polo que vai ser.

[00:07:36] MG: Vêm ribeirinho também estudar aqui?

[00:07:39] TO: Vêm pessoal aí do Tucamã, os índios daí de baixo. Aqui vai ser só um centro, um polo mesmo, pra abastecer todos os alunos.

[00:07:49] MG: Sei. Essa associação é associação de Cachoeira Seca?

[00:07:54] TO: É.

[00:07:54] MG: É só a aldeia do Iriri e a aldeia do Jabuti?

[00:07:59] TO: É.

[00:08:01] MG: Sei, Cajubi é outra associação?

[00:08:04] TO: É outra associação, é.

[00:08:05] MG: Sei, entendi. Só dos Araras de Cachoeira Seca e de coisa, [?]. E a outra...e um dos problemas que a gente vê aqui na aldeia é o problema do lixo industrial, né?

[00:08:23] TO: Uhum.

[00:08:23] MG: Que dizer, embalagem de biscoito de produto e essas coisas assim.

[00:08:28] TO: É.

[00:08:28] MG: Esse projeto do lixo que vocês estão fazendo...

[00:08:32] TO: Vai ser muito interessante também o projeto de lixo.

[00:08:34] MG: Então explica pra gente como é o projeto.

[00:08:37] TO: Olha, tem projeto orgânico, tem lixo seco, tem lixo que não derrete com solo, que não se dá bem com o solo, que são lixos secos, então esse daí nós achamos muito interessante, que é vidro, ferro, essas coisas velhas que não...pneu, pneu do [?] aí...

[00:09:03] MG: Plástico.

[00:09:05] TO: Plástico, leva não sei quantos anos pra ela destruir. Então pessoal da FUNAI montou esse projeto, tão vendo aí ó, como eles vão levar esses lixos de volta. E outra, que deixou muito preocupado como eu, agente de saúde daqui, bateria de pilha, de celular.

[00:09:29] MG: De lanterna.

[00:09:29] TO: De lanterna, televisão, isso daí é muito lixo que prejudica nosso solo. Então pessoal da FUNAI diz, "rapaz, vamos ver como que nós vamos levar essas coisas de volta", ele disse, mas tem uns lixos que dá pra aproveitar pra vender, ele falou pra nós.

[00:09:48] AM: Posso fazer uma, complementar a pergunta?

[00:09:53] TO: Uhum.

[00:09:53] AM: Isso é um projeto novo, até agora como vocês estão lidando com a questão do lixo? Por exemplo, da outra vez que eu tive aqui em outubro, as crianças me mostraram dois fossos, dois poços, um atrás da casa de farinha e outro uns 50 metros mais pra dentro da mata, que elas falavam que ali era pra jogar lixo.

[00:10:21] TO: Mas eu falei que não podia, porque ela ia prejudicar solo embaixo da terra. Como pilha, ferro velho, ela não se dá bem no solo. Então por isso nós deixamos quieto pra não jogar lixo no poço, porque aquele poço, o que está descendo no poço vai prejudicar o rio também, né?

[00:10:43] AM: Mas aquele poço foi construído por quem?

[00:10:46] TO: Por pessoal do DICE.

[00:10:46] AM: O que é o pessoal do DICE?

[00:10:47] MG: Da FUNAI.

[00:10:48] TO: DICE é um órgão também.

[00:10:50] AM: Da FUNAI?

[00:10:51] TO: Não, FUNAI é outro órgão.

[00:10:53] AR: CESAE.

[00:10:53] TO: CESAE.

[00:10:56] MG: Ah, CESAE, CESAE é da saúde indígena.

[00:11:01] TO: Aí nós, pessoal do CESAE veio, disse que não podia jogar mais lixo nesses poços velhos que tem aí. Aí nós cavamos um buraco que o lixo está todo junto lá, mas não selecionar, eles disseram que compraram cada balde, pra colocar lixo orgânico, lixo seco e aqueles lixo de solo, que é bateria, pilha.

[00:11:28] AM: E atualmente, como é que vocês estão fazendo?

[00:11:33] TO: Está tudo junto o lixo lá no buracão que nós fizemos, lá fora da aldeia, um pouco.

[00:11:38] AM: Ah, vocês fizeram um lixão?

[00:11:40] TO: Foi.

[00:11:41] MG: Um buracão, botou tudo no buracão.

[00:11:45] TO: Foi. Aí quando eles chegarem com o balde, cada balde do lixo deles nós vamos selecionar cada lixo que, pra mandar pra Altamira, tem outro que precisa pra fazer adubo, pra plantar, pra botar nas plantas aí, pra dar produto. Aí lixo seco também vai ser outro lixo, tem lixo desse tamanho só pra colocar pilha e bateria, aí manda pra rua de novo.

[00:12:16] AM: Mas atualmente, por exemplo, no cotidiano da aldeia, eu não vejo lata de lixo. Onde é que essas pilhas estão indo? Por exemplo, tem um monte de pilha, a gente recolheu um monte de pilha dos gravadores, eu tô com elas e vou levar, a gente vai levar o nosso lixo.

[00:12:36] TO: Uhum.

[00:12:36] AM: Mas e aquelas que vão ficar aí, como vocês estão fazendo, tão jogando no lixão também?

[00:12:41] TO: Rapaz, nós tinha um projeto chamado... um projeto de saúde. Nós tinha um projeto com Norte Energia, só que deram esse recurso tudinho pra CESAE agora e CESAE não tá mantendo mais. Nós tem Sinergia que está apoiando esse coleta de castanha e tem educação que está com Sinergia também. Primeiro era tudo junto, tinha oficina do agente de saúde, tinha programa de saúde também, orientando o povo, "não joga lixo, aqui causa o que, causa doença, doença, doença". Aí por isso nunca mais fizeram, porque passaram recurso tudinho pra CESAE, aí não estão fazendo mais, nem capacitação de agente estão fazendo mais. Aí parou tudo, aí nós estamos enrolados agora.

[00:13:40] MG: É, mas faz muito tempo que parou?

[00:13:43] TO: Não, está com 1 ano só, entrou outro ano de novo que acabou tudo agora, está só, Sinergia pegou só educação e...

[00:13:59] MG: Castanha.

[00:13:59] TO: É, coleta de castanha e atividade produtiva só. Aí o que era mais importante que eles não pegou, que era saúde também, pra nós. Aí ficou tudo parado, até hoje nós estamos parados. Aí o que tinha, bateria, o que tinha de pilha velha, eles davam uma caixa de pilha pra nós, trocava por um novo, caixa de pilha. Nós coletava pilha velha e dava pra eles, eles davam outra caixa de pilha novinho, ainda traziam a caixa de colocar pilha, quando era UNILEIA. Aí acabou esse contrato dela e nós ficamos parados agora, aí não tem como mandar mais, porque UNILEIA vinha e levava, vinha e levava.

[00:14:54] AM: Vocês não conseguem manter o...quer dizer, eu queria entender um pouco, Totó, como é a divisão do trabalho aqui na aldeia, porque essas ideias, elas vêm, parece que vêm de fora. Como vocês aqui dentro pensam esse cotidiano da aldeia, em termos de limpeza, pra não transmissão de doença, a não proliferação de cachorros, enfim. Como vocês, acho que isso já entra no outro, pergunta do bem-estar, né, do projeto?

[00:15:28] TO: Pessoal do DICE diz que iam vacinar esse cachorros, até hoje não vieram também.

[00:15:37] MG: Vacinar?

[00:15:39] TO: É, vacinar pra não dar tec, tec parece, dá um doença quando o cachorro morde, pra não infeccionar, eles disseram. E outra, nós pra fazer mutirão na aldeia, nós faz toda sexta feira e segunda feira, mas só que nós estamos pouco aqui, a maioria estão pra cidade.

[00:16:02] MG: Mutirão pra catar lixo?

[00:16:03] TO: É, pra catar lixo. Aí cada dia, terça feira eu pego esse girico, passo em cada casa aí pra coletar o lixo, pra jogar no buracão lá.

[00:16:17] MG: Mas o trator, você usa o trator pra fazer isso, mas o trator não está quebrado?

[00:16:21] TO: Tá quebrado só a lâmina dele, pra ele [?], agora tudo ele tá bonzinho lá, caçamba. Tá normal, está só quebrado aquele ferrão ali da frente, que lâmina dele não pode jogar esses matos assim.

[00:16:41] [fala em arara] [fala fora da entrevista]

[00:17:09] MG: Então Totó, e esse projeto de bem-viver que a Juliana faz junto com aquela outra médica, a Érica, eles fazem um projeto de saúde aqui, você está a par desse projeto, você conhece ele?

[00:17:28] TO: Rapaz, eu nunca participei do reunião delas não, porque é difícil eu parar aqui na aldeia, mas é muito importante também, porque tem muita gente com começo de depressão, diabetes, elas estão me ajudando demais também, porque açúcar, sal, tá dando muita diabetes, tá tendo muita [?] diabetes, eu tô com 82 pessoas que estão com diabetes aí de saúde.

[00:17:57] MG: 82 pessoas?!

[00:17:59] TO: Por aí.

[00:18:01] MG: É quase a metade da aldeia tá com diabetes. Olha, e ainda continuam tomando açúcar. Diz que tem 82 pessoas com diabetes.

[00:18:11] TO: Ela também tem diabetes, mãe dela, minha mãe.

[00:18:14] MG: Ela é a Onatchodó, chegou aqui agora.

[00:18:19] TO: Então por isso esse bem de viver está ajudando, compartilhar com nós, orientar eles a não comer muito açúcar, sal, óleo.

[00:18:36] MG: Entendi, entendi. 82 pessoas de diabetes, é muito.

[00:18:42] MV: É de diferentes idades, são diferentes idades, Totó, são idosos, jovens, adultos, crianças?

[00:18:47] TO: São idosos, jovens, é todo mundo, tem mais é novo, jovem. Acho que só tem uns 5 que é adulto, idosos.

[00:19:02] MG: O resto é tudo gente jovem assim quanto a Onatchodó?

[00:19:06] TO: Onatchodó, Poty, Ogoroptu, Tupu, Aualui, tudo tem diabetes, Lipó, meu pai, Idomeduk também tem. Então esses tudo são jovens também e tem diabetes. Os adultos têm, Tibi, Lapi, Iogó, tudo tem diabetes. O mais novo que tem, Perema, Pati, Kubenete, Jabuti, tudo tem diabetes.

[00:19:42] AM: E houve uma análise do por quê desse surto de diabetes?

[00:19:48] TO: Deu, é soja, é açúcar, é farinha, arroz.

[00:19:56] ON: Arroz vira açúcar.

[00:19:59] TO: É por isso, eles comem muito arroz, não estão coletando mais comida deles da roça, porque antes eles se acostumaram, Belomonte trouxe muito impacto, naquele tempo a Norte Energia dava rancho, liberava 2 mil, 5 mil de rancho pra eles comprar de açúcar, de óleo, todo tipo, bolacha, trigo. Aí depois acabou o plano emergencial, aí não praticaram mais plantar roça, não comeram mais batata, cará, ficaram mais focando nas coisas do branco, comendo mais açúcar, óleo, sal, se acostumaram já naquilo.

[00:20:47] AM: E você acha que é reversível isso, isso pode, retomar os hábitos alimentares é possível?

[00:20:55] TO: Rapaz, olha, como assim?

[00:20:58] MG: Voltar a comer o que vocês comiam antes, parar de comer açúcar, macarrão...

[00:21:03] TO: É impossível sim, agora eu e Alexandre, nós estamos em uma roça aí que nós vamos oferecer pra escola, então isso daí vai servir já pra eles voltar a comer de novo os coleta de casta/ da roça e produção da roça mesmo.

[00:21:22] MG: Você e Alexandre que estão com essa roça?

[00:21:27] TO: É, a gente está cadastrado já pela prefeitura comprar, por isso eu estou deixando pra assinar esse coisa do merenda escolar e da associação, associação vai comprar e pagar pra quem está produzindo e vendendo merenda escolar.

[00:21:41] MG: Essa associação, ela tem presidente?

[00:21:44] TO: Tem.

[00:21:44] MG: Quem é o presidente?

[00:21:44] TO: Bonitinho.

[00:21:46] MG: Bonitinho é o presidente, é mesmo, ele tinha me dito que era presidente. E quem é o tesoureiro?

[00:21:52] TO: Eu. Por isso que eu tenho que ir lá.

[00:21:55] MG: Por isso que você tem que ir lá assinar. Bonitinho já está lá, né?

[00:21:57] TO: Tá, já assinou, já. Só falta eu assinar pra poder começar as aulas e vender esse merenda escolar.

[00:22:06] MG: Muito bom, muito bom. Você sabe quando a escola vai ser liberada? Porque ficaram de vir aqui ver mas não vieram ainda, né?

[00:22:15] TO: Agora vai ser sexta-feira.

[00:22:18] MG: Ah, sexta-feira vem o pessoal da Norte Energia aí?

[00:22:21] TO: Norte Energia e aquele que construiu e o engenheiro do...do...

[00:22:29] MG: Será que você já vai estar aí de volta, não vai, né? Porque você vai na quarta, não vai dar pra tu estar aí na sexta. É, bom, mas tá bem, que bom que eles vão fazer isso. Você teria mais alguma pergunta pro...

[00:22:44] AM: Não, dentro do projeto de bem-viver, tem uma discussão sobre saúde mental.

[00:22:49] TO: Tem.

[00:22:49] AM: Você...o que você observa a respeito dessa situação... isso é um problema da mesma dimensão que é a diabetes?

[00:23:08] TO: Tem, porque pressão deles estão bastante demais também, isso daí é só por causa do diabetes, eles disseram.

[00:23:16] MG: Você diz da depressão?

[00:23:19] TO: Não, pressão mesmo, pressão deles já baixa demais quando eles comem muito açúcar e sal e arroz.

[00:23:28] AM: É, mas isso tem a ver com a saúde mental?

[00:23:30] MG: Com a cabeça?

[00:23:34] TO: Tem não.

[00:23:34] MG: Você disse antes que tinha problema de diabetes e problema de depressão.

[00:23:38] TO: Tem não.

[00:23:40] MG: Tem muita gente com depressão na aldeia?

[00:23:43] TO: Tem só Poty e Lorival, só. Só dois.

[00:23:48] MG: É, não é muita gente.

[00:23:48] AM: Não.

[00:23:52] MG: Lorival é uma depressão que já se estabilizou, né? Ele anda por aí deprimido.

[00:23:58] TO: A Poty está começando, mas só que ela está voltando de novo a conversar com tudo mundo. Lorival também está começando a falar com todo mundo de novo, porque ele estava enrolado, só, na casa dele. Depressão o que tira é filho dele, os parentes dele conversar com ele, né?

[00:24:18] MG: É.

[00:24:18] AM: E me explica uma coisa, Totó, como é que vocês lidam com a venda de álcool pra adolescentes, aqui pelos ribeirinhos?

[00:24:30] TO: Rapaz, aqui ficou... porque cada um pessoa está no seu responsabilidade, porque cada um sabe o que faz, sabe? Só não criança deste tamanho, disseram aí. Então aí ficou pra quem beber na aldeia, isso daí, recurso que vem pra comunidade dele vai ser cortado, pra ele ficar mesmo de castigo um pouco, pra poder ele mesmo trabalhar, pra ele ver como que consegue as coisas, porque ele está só bebendo, bebendo, não está só prejudicando a aldeia, está prejudicando ele e família dele que está recebendo benefício, sabe? Aí fica feio.

[00:25:21] MG: É, antigamente quando tinha o Afonso aí ele não deixava o ribeirinho vir vender bebida, né?

[00:25:26] TO: Não.

[00:25:28] MG: Aí hoje o ribeirinho encosta aí e vende bebida pro adolescente, até as meninas estão bebendo, né?

[00:25:37] TO: Uhum, não ribeirinho, é os marreteiros, esses que vendem rancho caro, que é Juquinha, Zezinho, esses pessoal.

[00:25:49] MG: Sei.

[00:25:49] TO: Ribeirinho mesmo não tem nem onde eles tirar dinheiro pra eles poderem vender cachaça, agora os marreteiros, é, regatão mesmo.

[00:25:59] AM: Quem é que toma conta da aldeia, as autoridades, não podem chegar pra ele dizer, "ó, a gente não quer que você venda pra jovem, bebida"?

[00:26:13] TO: Têm. Tem Idomeduk, tem Ialt e tem Arapuca, eles são fiscais da aldeia, quem está vindo com bebida e saindo com bebida, eles estão pra isso aí. Aí tu conversa com Arapuca ou com Ialt ou com Idomeduk, que [sabe] dessas coisas.

[00:26:33] AM: Ah, entendi.

[00:26:33] TO: Quando vim da Altamira ele mexem bolso, pra ver se não traz litro, cachaça por aí, escondido dentro do bolso. Eles reviram tudo, foi o acordo da comunidade, isso daí.

[00:26:46] MG: Sei, mas não conseguem impedir que o regatão encoste, porque o regatão diz que vem vender roupa, vem vender perfume e vende bebida.

[00:26:57] TO: Mas eles estão cientes, eles sabem que não pode vender bebida alcóolica dentro da aldeia, eles vendem porque é de teimoso, porque já foi feito reunião, já participei no reunião de extrativista aí todinho, dos cantineiros e não podia vender bebida alcóolica pra dentro da aldeia nenhum. Pessoal da FUNAI estava lá, pessoal do ISA, IBAMA, tudo lá.

[00:27:34] MG: Tem mais alguma pergunta, Ana?

[00:27:37] AM: Não, obrigada.

[00:27:38] MG: Então olha Totó, muito obrigado, malon malon, obrigado pela entrevista e a gente está encerrando aqui.